



Voz d'AREGA

Director: ALMIRO MORAIS • MENSÁRIO REGIONALISTA • Preço: 100\$00 (0,5 euros)

ANO INTERNACIONAL DO IDOSO

UNIÃO EUROPEIA:

Idosos portugueses e gregos vivem em más condições



QUATRO em cada dez habitações de idosos portugueses que vivem sozinhos ou em casal não têm água canalizada, casa de banho ou uma simples banheira, quando a média na União Europeia é de 9 em cada 100 e no Reino Unido 1%, indica um estudo do Eurostat.

No relatório sobre "Condições de Habitação dos Idosos na União Europeia", do Eurostat, o instituto europeu de estatísticas, sublinha-se que, embora entre os casais de idosos as condições de residência sejam, de uma forma geral, menos precárias do que em relação aos que vivem sozinhos, "a proporção continua a exceder os dois terços em Portugal".

Os dados referem-se a 1995 e foram agora divulgados por ocasião do Ano Internacional da Pessoa Idosa. Os autores do trabalho, o irlandês Peter Whitten, e o grego Emmanuel Kailis, advertem que os europeus com 65 anos ou mais vivem tendencialmente pior do que a população mais jovem, o que cria um cenário que pode vir a agravar-se atendendo a que entre 1960 e 2010 o total de idosos vá crescer mais do dobro, passando de 34 para 69 milhões.

O estudo caracteriza as condições de vida de 83% dos

idosos da União Europeia, ou seja, aqueles que vivem sozinhos ou apenas com o cônjuge, apurando que estes últimos têm quase sempre menos problemas.

Assim, enquanto a falta de meios básicos de habitabilidade afecta 12% dos idosos que residem sós, nos casais o índice é de 6%. Em Portugal, esses valores são de 54% e 34%, respectivamente. O segundo pior Estado membro é a Bélgica, com 14%, bastante distante dos 41% de média em Portugal. Pela positiva destacam-se o Reino Unido, com 1%, a Holanda, 2%, e a Dinamarca, 3%.

Outro indicador importante para caracterizar as condições de residência, o número médio de assoalhadas, coloca novamente Portugal em situação pouco cómoda, uma vez que existem em média 2,27 quartos por casa, contra 2,55 na União Europeia. Piores do que nós só os gregos (1,81), enquanto bem melhores estão os irlandeses, com 3,06 quartos, os luxemburgueses, 3,24%, e os holandeses, 3,34%.

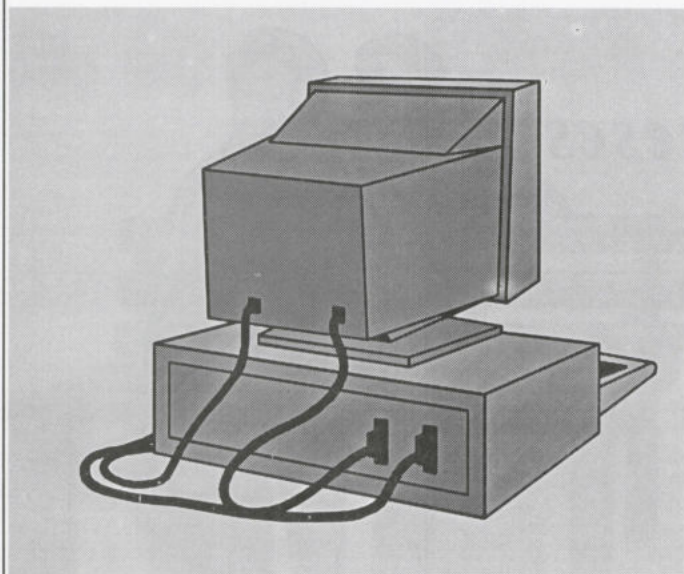
Os autores do relatório efectuaram um inquérito a idosos de todos os países da União Europeia, questionando-os sobre alguns problemas relacionados com as suas casas, ao que 50% dos portugueses responderam que as suas habitações têm humidade e/ou infiltrações, o que afecta apenas 18% das residências na Europa. Os portugueses foram também os que mais se queixaram de falta de espaço nas suas casas, o que sucedeu com 21% dos inquiridos, para uma média europeia de 7%.

NESTE NÚMERO:
mais episódios de
«A Clarinha do
Casal dos Ventos»

sinais dos tempos

AO SABOR DA PENA OU DO COMPUTADOR?

IA para escrever sobre as sequelas pós-traumáticas como, se bem se lembram tinha prometido quando escrevi, no nosso Jornal n.º 43 em Março de 1998 a propósito de «os Motoqueiros». Guardam o jornal ou acendem a fogueira com ele? Gostava de saber.



Hoje, verdade seja dita, não peguei em lápis e papel.

Dei por mim a redigir directamente na máquina de escrever e apagar que o computador também é. Desde as primeiras letras, ensinadas pela senhora professora Isabel Pedroso que era de Vila Nova de Poiares, que a minha relação com a escrita era feita através de lápis ou caneta. Sendo que a primeira modalidade me dava mais jeito para poder usar a borracha no intuito da «perfeição» que nos era inculcada pelos pais e professores.

POESIA

NO DIA EM QUE EU MORRER

No dia em que eu morrer
Não tenham pena de mim
Andar no mundo a sofrer
É melhor chegar ao fim...

Já pouco me resta
Neste mundo p'ra viver
Eu quero que façam uma festa
No dia em que eu morrer...

Aquele que uma filha tem
Nada vale ter, ou não ter
Ninguém o livra, porém
De andar no mundo a sofrer...

Andar no mundo a sofrer
Neste formoso jardim
No dia em que eu morrer
Não tenham pena de mim...

Dei por mim a interrogar-me se eu teria ficado a gostar tanto de escrever caso, no meu tempo das primeiras letras, tivesse de imediato aprendido a redigir com o computador. Como é que me teria sido ensinado «a prninha do A»; «o W, dois V juntinhos», o domínio dos gestos finos para a construção das letras e palavras? Da questão dos algarismos não vou falar por agora. Só digo que ver oito feijões e representar esse facto com duas argolinhas encavalitadas era fantástico. Mais tarde aprendi que o oito deitado representa «infinito». Certamente o meu sentimento perante as letras, quero dizer a escrita, seria hoje em dia diferente. É que para além de reconhecê-las é necessário fazê-las sair do espírito desenhando-as. É necessário fazer a ponte entre o cérebro e a mão que escreve. A relação afectiva, na situação de ensino aprendizagem, teria sido muito diferente: com as letras e com a professora. O computador não teria dado prendas a quem escrevesse vários ditados com zero erros. A estampa de um santo, uma caixa de seis lápis de cores eram reforços positivos de incalculável alcance e valor psicológico.

Os Multimédia têm «prós e contras» que não devo enunciar dada a minha relativa impreparação na matéria: Psicopedagogia é para especialistas.

Ainda assim, fica um ponto para reflexão; quem sabe poderá ser melhor esclarecido por algum leitor(a) mais versado na matéria.

Assim fui discorrendo, não escrevi o que pensava ir escrever, e as sequelas pós-traumáticas em neurotraumatologia ficam para outra oportunidade.

Licínio Ribeiro Gomes — Outubro, 1999

Por Higinio Pires



OFICINA AUTO DE JOÃO LUÍS ALMEIDA

ESPECIALISTAS EM



BAIRRO DA MIMOSA
RUA 8 DE JUNHO, LOTE 25, 84 - A
2675 ODIVELAS
TEL/FAX 01 - 9377801

IMPORTAÇÃO DE CARROS NOVOS E USADOS DIRECTAMENTE DA ALEMANHA
BMW • VW Beetle • AUDI • MERCEDES • ETC.

OURIVESARIA RELOJOARIA

De Mário T. Morais



GRANDE SORTIDO
DE PULSEIRAS,
FIOS, ANÉIS DE
NOIVADO E
ALIANÇAS

Relógios:
Seiko - Citizen - Orient - Casio

SEDE: Avelar - FILIAL: Cabaços



RETIRO FIGUEIRAS

Snack Bar - Restaurante

De José Manuel Jesus Silva

Telf. 036 - 53258 Chãos - 3260 Fig. dos
Vinhos

ESTUCARTE - Sociedade de Estuques, Lda.

Gerência de

José Conceição Mano

Praceta à Rua João de Deus, n.º 1, 2.º Esq. 2685 Sacavém
Telef.: 01-9530200 Telem.: 0931-9522813

COMÉRCIO MISTO E BAR

RAÇÕES
E ADUBOS
PARA A
AGRICULTURA

AGENTE DA
COMPANHIA
SEGUROS:
TRANQUILIDADE,
INTER ATLÂNTICO,
BONANÇA E IMPÉRIO

**JOSÉ
HENRIQUES
BAIÃO**

CASA FUNDADA EM 1922

Tel: 036 - 644151 (posto público)
AREGA - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MÁRIO FERNANDES RODRIGUES

ENCARREGA-SE DE TODOS OS SERVIÇOS DE CONSTRUÇÃO

ESTUCADOR

Tel.: (01) 980 40 17 Telem.: 0936 600 37 47
Rua São Domingos, Vivenda Porto, Lote 8, 1.º Dto.
VALE GRANDE — 1675 PONTINHA

JOSÉ GOMES

MADEIRAS E DERIVADOS

Telemóvel 0931 537 459
Valbom - Arega - 3260 Figueiró dos Vinhos

Se precisa de água
ou luz
contacte
MANUEL DE JESUS

Tel. 644247 - AVELAIS - AREGA
Figueiró dos Vinhos

JOSIMOLAS

DE José Bernardes Simões

MOLAS P/ TODOS OS VEÍCULOS
ATRELAÇOS DE CAÇA
MECÂNICA GERAL
GÁS INDUSTRIAL
OLEOS • FILTROS

FABRICO E MONTAGEN

Telefone: 036 - 623251 • 3240 CHÃO DE COUCE

CARTÕES DE VISITA

FACTURAS

GUIAS DE TRANSPORTE

FOLHETOS E BRINDES PUBLICITÁRIOS

CALENDÁRIOS

T-SHIRTS PROMOCIONAIS

LOGÓTIPOS E EMBLEMAS

CONTACTE-NOS PELO TELEFONE 219333194
E DIGA O QUE PRETENDE...

NÓS FAZEMOS!

António Mano Simões

Construção e Reconstrução de todo
o tipo de casas Antigas e
Modernas Construção de Piscinas
de toda a forma e medida
(com revestimentos: Mosaico,
Leiner e Alcor Vulcanizado)

AQUA-PISCINAS

Telefone (036) 64 12 09 • Telemóvel 0931 - 41 97 330
Braças - 3260 Arega - Figueiró dos Vinhos

t i n t a s

dalge

a sua escolha
em pintura

E - m
tintasdalge@mail.telepac.pt
Tels: 036-551030 / 551031 (RDIS) Fax: 036-551032 (RDIS)
Parque Industrial, Lote 14 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

**LEONEL
DA SILVA
GOMES**

Pinitor de Construção Civil

Tel. 036 - 36052
Casalinho de Santa Ana - Arega
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

VISITE-NOS
NÃO QUEREMOS (SÓ)
VENDER MÓVEIS
QUEREMOS FAZER AMIGOS!
SOMOS

MÓVEIS MIK

CABAÇOS
3220 ALVAIZERE
036 - 636235

Mudanças e Transportes

**AMÉRICO
MARTINS**

TRANSPORTES DE ALUGUER
PARA TODO O PAÍS

Distribuição e outros transportes
com pessoal
p/ carga e descarga com
montagem
e desmontagem de móveis e
pianos

Tel. 01 - 294 48 16
Telex. 0931 31 79 26
Rua R. São Martinho, 9
(Alto da Serra)
3830 BAIÃO DA
BANHEIRA

AFRIZAL

C. MATERIAL ELÉCTRICO E ELECTRODOMÉSTICOS, LDA.

hager Equipamento para piscinas AUTOMATIZADOR DISTRIBUIDOR

Televés Armas Paredões

ORLAKOP BOMBAS DISTRIBUIDOR

AQUAFONIC TRATAMENTO DE PISCINAS

NOWAL ELECTROBORNAS

SEDE ADMINISTRAÇÃO E DEP. COMERCIAL
R. Amorim Rosa, 33-37 - 2300 Tomar
Tel: (049) 32 25 10 (4 linhas) - Fax: 32 32 45

ARMAZÉM E VENDAS POR GROSSO
R. Voluntários da República, 50/62 - 2300 Tomar
Tel: (049) 32 25 10 (4 linhas) - Fax: 32 25 13

NOVOS VALORES DAS PENSÕES

Em vigor a partir do dia 1 de Dezembro de 1999

A partir de 1 de Dezembro de 1999 as pensões de invalidez, velhice e sobrevivência são actualizadas garantindo uma substancial melhoria real do poder de compra dos pensionistas.

Os aumentos agora verificados, claramente superiores à taxa de inflação esperada, traduzem o empenhamento do Governo no prosseguimento de uma política responsável e financeiramente sustentável, baseada em princípios de equidade social e diferenciação positiva na protecção social dos cidadãos.

Dar mais e melhores pensões para quem mais precisa e para quem mais contribuiu, traduz-se este ano em aumentos das pensões do regime geral de +4,1% para pensionistas que contribuíram de 15 a 40 anos, decorrentes da actualização do salário mínimo nacional para o ano de 2000, +4,3% para carreiras contributivas inferiores a 15 anos e ainda de um significativo aumento de +5,9% para a pensão social.

Os ganhos de eficácia e eficiência decorrentes de uma rigorosa gestão de segurança social, permitem ainda aumentar em 20% o limite superior das pensões (de 250 para 300 contos), permitindo assim que um maior número de pensionistas possa beneficiar da actualização de +3,3%.

PENSÕES DE INVALIDEZ E VELHICE (*)

REGIME NÃO CONTRIBUTIVO E EQUIPARADOS	NOVOS VALORES	AUMENTO
(Pensão Social)	25.000\$00	1.400\$00 (+5,9%)
RESSAA (Trabalhadores Agrícolas)	25.300\$00	1.100\$00 (+4,5%)
REGIME GERAL	NOVOS VALORES	AUMENTO
● Valor Mínimo	34.000\$00	1.400\$00 (+4,3%)
● Até 300.000\$00 (**)	-	3,3%
● Superior a 300.000\$00	-	2,5% com o limite máximo de 17.000\$00
ANOS DE CARREIRA CONTRIBUTIVA		
15 e 16	36.910\$00	1.440\$00
17 e 18	38.040\$00	1.480\$00
19 e 20	39.180\$00	1.530\$00
21 e 22	40.310\$00	1.570\$00
23 e 24	41.450\$00	1.620\$00
25 e 26	42.590\$00	1.670\$00
27 e 28	43.720\$00	1.710\$00
29 e 30	44.860\$00	1.750\$00
31	45.990\$00	1.790\$00
32	47.130\$00	1.840\$00
33	48.260\$00	1.880\$00
34	49.400\$00	1.930\$00
35	50.530\$00	1.970\$00
36	51.670\$00	2.020\$00
37	52.810\$00	2.070\$00
38	53.940\$00	2.110\$00
39	55.080\$00	2.150\$00
40 e mais	56.780\$00	2.220\$00

(*) AS PENSÕES DE SOBREVIVÊNCIA DE TODOS OS REGIMES SÃO ACTUALIZADAS EM FUNÇÃO DESTES AUMENTOS
 (***) ESTE ESCALÃO FOI ACTUALIZADO EM 20% RELATIVAMENTE AO ANO ANTERIOR (DE 250.000\$00 PARA 300.000\$00)

COMPLEMENTO POR DEPENDÊNCIA COMPLEMENTO DE PENSÃO POR CÔNJUGE A CARGO

REGIMES	PRESTAÇÕES	NOVOS VALORES
● NÃO CONTRIBUTIVO E EQUIPARADOS	Complemento por Dependência	
	1.º grau	11.250\$00 (+5,9%)
● RESSAA	2.º grau	18.750\$00
	Complemento por Dependência	
● GERAL	1.º grau	12.500\$00 (5,9%)
	2.º grau	20.000\$00
	Complemento por Cônjuge a Cargo	5.250\$00 (+6,5%)



VOZ d'AREGA

MENSÁRIO REGIONALISTA

Registos no Instituto da Comunicação Social:

Publicação Periódica n.º 117 450

Empresa jornalística n.º 217 449

PROPRIEDADE:

ARCA - Associação Recreativa e Cultural Areguense

(Instituição de utilidade pública)

AREGA - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Contribuinte n.º 501 078 860

Director: Almiro Antunes Morais • Director-Adjunto: Pedro Alves Ferreira

Colaboradores: Dr. Carlos Manuel Alves Ferreira; Eng.ª Dina Morais Lopes; Dr.ª Helena Serra Fernandes; Dr.ª Irene Borges; Dr.ª Elsa Morais Lopes; Fernanda Morais; Américo Silva Ferreira; António Teixeira Silva; Emídio Borges Gomes (Brasil); Lara Morais; Manuel Conceição Lopes; Manuel Sequeira; Padre Aníbal Henriques; Lúcio Ribeiro Gomes; Dr. Luís Serra Fernandes; Maria da Glória; Paulo Marçal; Rui Lopes

REDACÇÃO: Filial em Lisboa - Trav. Limoeiros, A - r/c dt.º - 1675-877 Famões • Telefone/modem/fax: 01 - 9333194

Composição, paginação e impressão: A. M. M. M. - Bairro das Queimadas - 1675 FAMÕES

Tiragem deste número: 2000 exemplares

Preço avulso: 100\$00 - 0,5 euros (IVA 5% incluído)

Assinatura anual: 1000\$00 (IVA 5% incluído)

«O jornal Voz d'AREGA é um órgão independente de informação regional» (do Estatuto editorial)

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

Mas Clarinha continuou:

— Eu amo um rapaz que não é rico, é muito pobre mas amo-o muito e não o quero trocar por qualquer outro.

Então o pai, já fora de si, explodiu de vez:

— Quem manda aqui sou eu e tu casar com o meu sobrinho, à minha ordem, e não penses em me desobedecer.

Clarinha respondeu calmamente:

— Não posso ser-lhe agradável nesse ponto, meu pai, eu amo o Roberto, é com ele que quero casar. Espero poder cumprir a promessa que lhe fiz de esperar por ele até que esteja em condições de poder casar comigo e é o que penso fazer, porque o amor que tenho por ele jamais o poderei ter por outro homem. Nestas condições devo dizer-lhe, meu pai, que ninguém neste mundo tem autoridade para se meter em assuntos que só a mim dizem respeito.

— Não abuses da minha paciência — retorquiu o pai —, porque se me fazes perder a paciência dou-te uma tarefa que te deixo mófda toda a vida.

— Seja o que Deus quiser, meu pai. Eu, por mim, já lhe disse tudo o que tinha a dizer.

— Fica sabendo que logo que o teu primo termine o curso porei em andamento os documentos necessários para se efectuar o teu casamento com ele.

Clarinha calou-se para não exaltar mais o pai, mas pensando consigo mesmo que nunca iria cumprir as ordens dele nesse sentido. O Marquês, em face do silêncio dela, pensou que isso poderia ser um sinal de obediência e continuou:

— Então tu queres casar com o filho de um criminoso? Não viste que o levaram preso como o assassino do Julião?

Convictamente, Clarinha redarguiu:

— O Henrique está inocente!

— Tu não viste as provas que apareceram contra ele?

— O Henrique está inocente! — teimou ela.

— Que provas tens tu para afirmar isso?

— Não tenho provas nenhuma, mas conheço-o perfeitamente e ele não é homem capaz de matar ninguém.

O pai calou-se e Clarinha pediu licença para se retirar, o que fez imediatamente. Seguiu para o seu quarto no intuito de ler

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

uma carta que tinha recebido de Roberto, escrita mais ou menos nestes termos:

«Querida Clarinha. Por este meio levo ao teu conhecimento que me encontro de boa saúde, só uma mágoa me aflige a todo o momento, o estar longe de ti. Não calculas como é difícil suportar esta lonjura que nos separa, querida Clarinha, mas este sacrifício que agora fazemos será a seu tempo recompensado pela nossa união pelo casamento. E com esta ideia que me acompanha a todo o momento me despeço, enviando-te a minha expressão de um grande amor por ti, do sempre teu Roberto.»

A vida continuou no Casal dos Ventos, os dias sucediam-se aos dias, mas entre os trabalhadores notava-se uma certa tristeza, motivada pela prisão do Henrique. Decididamente ninguém se convencera de que fosse ele o autor do assassinio do infornado Julião, embora Gregório não se cansasse de insinuar sua culpabilidade.

Havia no entanto uma testemunha capaz de trazer à liberdade o inocente preso, mas não o fazia porque tinha medo, pois Gabriel temia que o velhaco lhe fizesse o mesmo se o denunciasse. Sofria no entanto no seu íntimo o martírio de ter de se calar para defender a sua vida. Quando via todos os dias o Gregório à frente do pessoal, a caminho do trabalho, sentia uma cólera de morte contra aquele assassino que agora gozava de certas regalias à custa do seu nefando crime.

Entretanto aproximava-se o Natal e o Marquês achou conveniente que Rogério lhe fizesse uma visita naquela época festiva, com o intuito de promover uma aproximação entre o sobrinho e Clarinha. O sobrinho veio de imediato, sendo recebido festivamente no Casal pelo tio.

Ao cair da noite o pai de Clarinha chamou-a ao escritório e disse-lhe, apontando o sobrinho que também ali se encontrava:

— Clarinha, apresento-te o teu futuro marido, o teu primo Rogério.

Este levantou-se para lhe apertar a mão mas ela nem sequer se dignou olhar para ele, fixou os olhos no chão e ficou silenciosa. Rogério sentiu uma terrível decepção em face da atitude

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

da prima, ficando silencioso a olhar para ela. Notava-se no seu rosto uma grande desilusão. O Marquês, irado, levantou-se e deu à filha uma tremenda bofetada que a fez cair ao chão. Clarinha, chorando, com dificuldade conseguiu levantar-se, mas o pai, fingindo não dar por isso, disse-lhe:

— Podes ir pensando na tua vida, porque o casamento com o teu primo é inevitável.

Rogério sorriu para ela, que desta vez o olhou com profundo desprezo. E ainda chorando, saiu do escritório e recolheu aos seu aposentos, pensando como seria possível evitar este tão indesejado casamento. Nos dias seguintes fez o possível para não se encontrar mais com o primo e este, vendo que a sua permanência no Casal não era agradável para ela, apressou-se a regressar a Coimbra, recomeçando os estudos após as férias de Natal.

Os meses iam passando e a vida no Casal continuava normalmente. Clarinha ia recebendo de vez em quando correspondência de Roberto, o que a animava muito, mas, para não o afligir, nas respostas nada lhe dizia do que se estava a passar consigo, nem da prisão do pai como suspeito do assassinio de um trabalhador. Continuava no entanto a animar a mãe dele, prestando-lhe muita assistência moral e material, sempre que lhe era possível.

Chegou finalmente o termo do ano lectivo na Faculdade de Coimbra, Rogério terminou a sua formatura e em seguida informou o tio do bom resultado obtido, o que muito o alegrou. Para não perder tempo, o Marquês mandou dizer ao padre Alberto para pôr em andamento a documentação necessária para levar a efeito o casamento de Clarinha. Esta, cada vez mais aflita, pensava noite e dia na maneira de se livrar do cerco em que a estavam a encerrar.

Rogério conservou-se em Coimbra junto dos pais mas ia recebendo notícias enviadas pelo tio acerca dos preparativos para o casamento.

Finalmente o padre Alberto informou que os documentos necessários estavam já prontos e podia marcar-se a data para a cerimónia nupcial.

De acordo com os pais de Rogério, a data para as bodas foi

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

marcada, sendo Clarinha informada bastante tempo depois. Em boa verdade, o Marquês temia a reacção da filha, e por esse motivo foi adiando a comunicação e ela só tomou conhecimento da trama em que estava envolvida quase à última hora, quando faltavam apenas oito dias. Ela ficou em pânico, escreveu imediatamente a Roberto pedindo-lhe o seu regresso ao Casal, porque o pai a queria obrigar a casar com o primo. Depois aguardou ansiosamente a chegada do seu amado, mas o dia marcado aproximava-se e ele não aparecia. Mas de uma coisa ela tinha a certeza: nunca iria casar com o primo.

Clarinha só encontrava um caminho a seguir, se Roberto não chegasse a tempo. Era um caminho dramático, do qual guardava segredo, mas em último caso seria aquela a última alternativa para se livrar do casamento que à viva força não queria. Numa das visitas que fez à Joana, mãe de Roberto, Clarinha perguntou-lhe como por acaso, não mostrando grande interesse em saber, onde ficava um local a que chamavam a Pena dos Corvos. Joana achou estranha aquela curiosidade, mas saindo à rua apontou para um monte que do outro lado da ribeira a que dão o nome de Lobêtio, dizendo-lhe:

— Clarinha, vê aquele monte lá no alto, do outro lado da ribeira? Aquele monte, chama-se a serra da Carregueira e por detrás dele é que é a Pena dos Corvos, um penedo muito alto que faz parede para um enorme precipício que existe por trás.

O Marquês tinha em devido tempo pedido a uma sua criada para do móvel onde a Clarinha guardava os vestidos lhe trazer um daqueles que ela já não usasse, para não dar por falta dele. De posse do vestido, o Marquês, deslocou-se a Coimbra, dando a desculpa de negócios urgentes, procurou uma casa especializada em roupas de noiva e ali mandou executar um belo vestido de núpcias, servindo o que levava como molde. Tudo isto tinha sido feito sem o conhecimento de Clarinha, que muito aflita continuava a aguardar a chegada de Roberto, o que não veio a suceder até à véspera da data marcada para o casamento.

Rogério já tinha chegado, acompanhado dos pais, e o padre Alberto foi de novo chamado ao solar, justamente na véspera do dia aprazado para a boda, aparentemente com a incumbência de confessar Clarinha. Ela não fez qualquer oposição, pois a

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

seu ver os acontecimentos só podiam mudar com a chegada de Roberto. Tal não aconteceu e naquelas condições ela continuava com uma ideia fixa que não confessava a ninguém. Às perguntas do padre ia respondendo conforme a sua consciência lhe ditava, até que o sacerdote a informou de que estava tudo preparado para no dia seguinte ser efectuado o seu enlace matrimonial com o primo. Ela ouviu tudo, mantendo um silêncio completo, sem dizer uma palavra, nem contra nem a favor.

Pouco depois o Marquês procurou o padre e perguntou-lhe:

— Então Alberto, como é que vão as coisas?

— Eu informei-a de tudo e ela não disse nada.

— Que remédio tem ela senão obedecer-me, que sou seu pai.

Clarinha tinha resolvido não ter mais questões com ninguém e por esse motivo ouviu silenciosamente todas as informações prestadas pelo padre.

Joana, a mulher do Henrique, por se encontrar só pediu ao Marquês para a admitir no serviço doméstico do solar, sendo satisfeito o seu desejo. Foi-lhe indicado um quarto para seu aposento muito perto do de Clarinha e ela, achando estranho o interesse pela localização da Pena dos Corvos, pensou que qualquer coisa de mal estaria para acontecer e por isso mantinha uma vigilância discreta sobre Clarinha.

Entretanto tinha chegado de Coimbra, o vestido de noiva encomendado pelo Marquês e ao contrario do que seria de esperar, ela não lhe ligou qualquer importância. Terminado o dia, chegou a noite e ela continuava encerrada no seu quarto. Já tinha perdido todas as esperanças da chegada de Roberto, estava desiludida com a injustiça do pai, enfim, tinham-lhe já morrido dentro do peito todos os sonhos da sua vida, só lhe restava seguir o caminho que em último caso decidira percorrer. Naquele dia fatídico para os seus sonhos de felicidade levantou-se cedíssimo, ainda escuro, fazendo o possível para não ser notada, vestiu-se com roupas velhas e saiu do solar. Todo o pessoal continuava ainda a dormir porque na véspera todos tinham trabalhado até altas horas da noite nos preparativos para a festa do casamento. Clarinha saiu, atravessou pelo meio das duas filas de casinhas abarracadas onde ainda dormi-

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

am todos os moradores e dirigiu-se para a ravina sobranceira ao sítio chamado Lobêtio, local inóspito, vestido de imensos matagais que serviam de refúgio aos animais selvagens, principalmente lobos, daí o nome. Nesse dia triste o céu carregado de espessas nuvens ameaçava trovoada, um vento muito forte fustigava o arvoredado e ela tinha muita dificuldade em se manter de pé, mas continuava sempre no caminho que tinha escolhido, para se libertar dos carcereiros do seu coração. Era o destino que a impelia para a frente. Chegou ao fundo da ravina, atravessou o ribeiro e começou a subir a encosta que se erguia à sua frente, dificilmente ia vencendo o declive mas continuava sempre vencendo todas as obstáculos, era uma resolução firme, definitiva. Depois de muito subir atingiu o alto da montanha, estava portanto na serra da Carregueira, muito perto da Pena dos Corvos. E de lá voltou o olhar para o Casal dos Ventos, local onde passara a sua recente mocidade, durante a qual tinha sido imensamente feliz, passou em memória todas as pessoas que a acarinharam durante a sua juventude e pensou também na sua falecida mãe, com a certeza de que se ela fosse viva, o seu destino teria sido bem diferente. E Roberto, porque não teria ele vindo? Caiu por fim num choro impossível de evitar, lágrimas amargas inundaram o seu lindo rosto. Clarinha, que se tinha sentado num penedo, já na Pena dos Corvos, levantou-se e resolutamente, dirigiu-se para a beira do terrível abismo. Nesse momento ouviu uma voz que lhe dizia:

— Clarinha, o que vai fazer?

Voltou-se e deu de frente com Joana, que a vinha seguindo desde o Casal.

Joana, a mãe do Roberto, que nesse dia fatídico, quando se levantou de manhã notou que ela já se encontrava de pé, o que não era costume. Suspeitou logo que alguma coisa estava para acontecer e, assim, vestiu-se rapidamente e quando espreitou o corredor, viu a Clarinha sair pé ante pé, com todo o cuidado para não fazer qualquer ruído. Joana saiu também e foi-a seguindo discretamente, tentando adivinhar quais seriam as suas intenções ao dirigir-se àqueles locais inóspitos onde nunca antes tinha ido. Assim foi andando, vigiando-lhe os movimentos, até que assinalou a sua presença quando se apercebeu

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

das intenções da menina, tentando evitar o trágico desfecho para aquele amor que a maldade e egoísmo dos homens tornara impossível. Clarinha, quando deu pela sua presença, disse-lhe um último adeus e deliberadamente, sem qualquer hesitação, subiu ao alto do enorme penedo e lançou-se no abismo. Joana ainda correu mas quando lá chegou já ela tinha sido engolida, pelo imenso precipício. Ficou desesperada por a não ter podido salvar e muito aflita deu uma enorme volta em redor do penedo, para atingir o fundo, com a ideia de socorrer a sua querida menina. Ao chegar junto dela tentou levantá-la, mas a sua cabecinha, completamente ensanguentada, tombou para o lado. Levou-lhe a mão ao sítio do coração mas este não dava sinal de vida. A morte terminara o sofrimento daquela pobre menina. Joana chorou muito junto do corpo mutilado daquela a quem queria tanto como se fora sua filha. Não a queria deixar ali sozinha mas não podia ali ficar por mais tempo, era necessário partir rapidamente para informar o Casal daquele triste acontecimento. E a muito custo, por a deixar ali, tomou o caminho de regresso para levar a triste notícia ao pai.

Enquanto a tragédia acontecia no Lobêtio, no Casal dos Ventos, logo de manhã, o Marquês deu ordem às criadas para levarem ao quarto de Clarinha o vestido de noiva que tinha mandado confeccionar em Coimbra, para que ela se apresentasse com ele para a cerimónia do casamento com o seu primo Rogério. As criadas ao baterem não obtiveram resposta, razão por que abriram a porta, encontrando o quarto vazio. Clarinha tinha desaparecido. Houve grande rebulição no Casal e dentro em pouco toda a gente tomou conhecimento do desaparecimento de Clarinha. Em vão procuraram nos arredores, mas nada foi encontrado. O Marquês deu ordem para que dois homens seguissem num caleche a caminho dos Cabaços, pensando que ela tivesse fugido para se encontrar com Roberto em Lisboa, apanhando a diligência que fazia a carreira para a capital e passava bem cedo naquela localidade. Ninguém deu notícias dela mas mesmo assim os dois homens seguiram pela estrada a caminho de Tomar com o fim de alcançar essa carreira, que interceptaram no sítio do Pereiro, mas como ela não seguia a bordo voltaram para trás, regressando ao Casal dos Ventos sem

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

nada terem averiguado. Entretanto o povo do Casal revezava-se em pesquisas, sem qualquer resultado. Joana chegou por fim com a triste notícia, sendo imediatamente rodeada por todos os moradores. O Marquês não tardou também em saber do triste fim da sua filha, tendo recebido a notícia impavidamente. Não teve qualquer palavra de dor, nem um sinal de sofrimento, ficou imóvel como se nada fosse com ele. O povo do Casal sofria a dor da perda da sua querida menina e também uma revolta surda pela quase indiferença do pai dela. Os homens tomaram imediatamente a resolução de se dirigirem ao local que Joana lhes indicou, levando consigo uma escada, com o fim de deitarem o cadáver sobre ela e fazerem o seu transporte para o Casal. Naqueles tempos era essa a maneira de transportar um morto, para o lugar conveniente. Assim, desceram a encosta do Lobêtio e depois de atravessarem o ribeiro começaram a ascensão do outro lado até atingirem o alto da serra e, rodeando o enorme penedo, chegaram por fim ao local onde se encontrava o corpo de Clarinha. Foi um momento horrível para eles, pois notaram que um lobo rondava por perto, certamente atraído pelo cheiro do sangue que a envolvia. Aos gritos deles o lobo fugiu sem ter tempo de arremeter contra o cadáver.

Quando aqueles homens rudes viram o rosto desfigurado de Clarinha não puderam conter as lágrimas e todos se conservaram silenciosos durante alguns momentos junto dela. Depois, mantendo o silêncio, com muito cuidado colocaram-na sobre a escada e à maneira de padiola transportaram-na, por aqueles caminhos difíceis, de volta para a sua casa. Quando chegaram entraram com ela no solar e numa pequena sala à entrada armaram a câmara-ardente. Todas as mulheres choravam a perda daquele anjo, que tanta alegria lhes tinha proporcionado em vida.

Entretanto, e em face deste funesto acontecimento, entre aquelas gentes simples gerou-se uma revolta surda contra o Marquês, pela sua intransigência, e também contra o seu sobrinho. Em grande alarido dirigiram-se ao Marquês, que estava recolhido com o sobrinho no escritório do solar, convidando-o a ir para junto de Clarinha e dizendo-lhe:

— Senhor Marquês, venha ver o fruto da sua maldade!